

RELAÇÕES ENTRE MEMÓRIA, SOCIEDADE E HISTÓRIA BRASILEIRAS NO ALMANAQUE GENTES E LUGARES: LEITURA, CULTURA E LINGUAGEM¹

Valéria Cristina Ribeiro Pereira²
Moema Rodrigues Brandão Mendes³

RESUMO: Este texto apresenta reflexões ligadas ao trabalho de fomento à formação do leitor, cujas experiências geraram um projeto, desenvolvido, em duas versões, nos anos de 2009 e 2010, em duas escolas da Rede Municipal de Ensino de Juiz de Fora- MG. As teorias, baseadas em autores do campo da cultura reportam à memória, à sociedade e à história brasileiras criando bases que movimentaram as atividades de produção dos materiais para composição das seções de dois volumes impressos do *Almanaque Gentes e Lugares*, que, em sequência, impulsionaram (e ainda impulsionam) novas reflexões, provocando, em movimento dialético, diálogos entre teoria e prática. Nesse sentido, as categorias estudadas convergem para o encontro de gentes e lugares que formam o complexo tecido cultural, representado nas citadas publicações.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura, Memória, *Almanaque Gentes e Lugares*, Formação do leitor.

ABSTRACT: This text presents reflections related to the work of fomenting the formation of the reader, whose experiences generated a project, developed in two versions, in 2009 and 2010, in two schools of the Juiz de Fora- MG Municipal Teaching Network. Theories, based on authors of the field of culture, report to Brazilian memory, society and history, creating bases that moved the production activities of the materials for the composition of two printed sections of the *Almanac Gentes and Places*, which, in turn, (and still impel) new reflections, provoking, in a dialectical movement, dialogues between theory and practice. In this sense, the categories studied converge towards the meeting of people and places that form the complex cultural fabric represented in the aforementioned publications.

KEYWORDS: Culture, Memory, *Almanac People and Places*, Reader's Training.

As reflexões deste texto estão ligadas a um trabalho de fomento à formação do leitor, provenientes de um projeto, desenvolvido, em versões 1 e 2, nos anos de 2009 e 2010, respectivamente, em duas escolas públicas da cidade de Juiz de Fora em MG: Doutor Pedro Marques e Quilombo dos Palmares.

As atividades, pensadas e desenvolvidas para constituir as partes das publicações, geraram materiais que compuseram as seções de dois volumes impressos do *Almanaque Gentes e Lugares*, cujos detalhes estão explicitados a seguir.

Por todo o percurso empreendido, a idéia da criação de um almanaque, vislumbrado como gênero capaz de acolher uma vasta gama de outros gêneros discursivos disponíveis no referido contexto, foi adotada pelos

¹ As publicações foram editadas com o financiamento do FAPEB, que se trata de um Fundo de Apoio à Pesquisa na Educação Básica, disponibilizado, à época, anualmente, por meio de editais públicos, pela Prefeitura Municipal de Juiz de Fora, cuja verba oportuniza a realização de vários projetos.

² Doutora em Letras PUC-Rio. Professora do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora- CES/JF. Líder do Grupo de Pesquisa “Estudos avançados sobre a formação do leitor”. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1419088430342779>

³ Doutora em Letras UFF. Professora do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora- CES/JF. Membro do Grupo de Pesquisa “Estudos avançados sobre a formação do leitor”. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6658007699398800>

motivos que passamos a expor. De acordo com a compreensão acerca dos gêneros do discurso, disponível em Bakhtin, segundo Brait (BRAIT, 2000), em diálogo com outros autores, como Marcuschi (MARCUSCHI, 2008), notamos que o almanaque é um gênero que aceita sofrer ajustes, em consonância com os contextos por ele contemplados, suportando a “relativa estabilidade” necessária às condições e usos da linguagem no dado contexto (FERREIRA; PEREIRA, 2015, p.100, grifo dos autores).

No ano de 2009, a partir das experiências vivenciadas na Escola Doutor Pedro Marques, localizada no povoado denominado Caeté, na zona rural de Juiz de Fora, foi organizado pelas professoras Valéria Pereira e Maria Aparecida Danelon Andrade, o *Almanaque Gentes e Lugares*, v.1, com subtítulo *Caeté: cultura e linguagem num passeio de memórias e identidades*.

Em 2010, a ideia de implementação de uma segunda edição do projeto, bem como sua criação e seu processo de desenvolvimento, partiu da articulação entre os estudos ligados à formação do leitor, realizados anteriormente, e da percepção em relação ao cenário apresentado na segunda escola, Quilombo dos Palmares, situada no Bairro Sagrado Coração na cidade de Juiz de Fora.

O trabalho encontrou respaldo na coordenação pedagógica, que, à época, estava sob a responsabilidade da professora Rosângela Veiga. A partir daí, com o apoio da escola, as professoras desenvolveram diferentes atividades ao longo do ano e a soma destas ações resultou na organização do segundo volume, intitulado *Almanaque Gentes e Lugares*, com subtítulo *Sagrado Quilombo, Coração dos Palmares: leituras e leitores*. Ambos os trabalhos tiveram o auxílio financeiro do Fundo de Apoio à Pesquisa na Educação Básica (FAPEB), da Prefeitura Municipal de Juiz de Fora, conforme registrado em nota 1.

Com base nas pesquisas teórico/práticas, constantemente realizadas, foram propostos os trabalhos, com matrizes semelhantes, mas cujos resultados mostraram diferenças nas publicações, devido ao respeito às especificidades de cada contexto. Nos dois casos, a questão que originou o desejo de publicação dos Almanques referiu-se à observação do cotidiano das escolas mencionadas ressaltando duas evidências importantes: o comportamento dos estudantes revelava uma forte resistência (consciente e inconsciente), ao tentarem se apropriar do conhecimento no contexto escolar, por meio dos materiais de estudo e a constatação de que esses estudantes demonstraram, em outras inúmeras situações, uma significativa falta de interesse em relação à aquisição deste mesmo conhecimento. Destacamos que esta constatação foi consensual entre todos os envolvidos.

Nos contextos apresentados, ao tentarmos fazer avançar formas de leitura em suas amplas dimensões, nós, professores, víamo-nos cercados por questões de difícil entendimento, especialmente no que concerne à formação de leitores/escritores. Assim, mais uma vez, constatamos um comprometimento no que dizia respeito à construção do conhecimento e à formação para a cidadania, já que a leitura e a escrita, suas formas e seus usos, feitos com criticidade, não despontavam da maneira desejada. Os estudantes ainda continuavam com poucos instrumentos para o exercício dos elementos citados, conforme, também, já haviam demonstrado pesquisas anteriores, em outros contextos (PEREIRA; PONCIANO, 2012).

Em conversa com os professores implicados, a outra face da mesma moeda denunciava a necessidade de um trabalho inicial que explicitasse as ideias e os conceitos evidenciados no projeto para que o corpo docente compreendesse suas possibilidades de realização no cotidiano escolar. As opções para a condução das atividades levaram-nos às primeiras conversas com os professores e, a partir delas, foi possível verificar os pontos relevantes a serem considerados na superação do estado de coisas constatado.

Dentre tantas afirmações dos docentes, destacamos suas conclusões que dizem respeito à percepção da imensa falta de interesse ao aprendizado mostrada pelos estudantes, e suas vivências; a desconsideração dos mesmos pela escola, a preocupação dos professores em ensinar, fazer o conteúdo chegar aos discentes, mesmo em condições bastante adversas (algumas sob o rótulo de indisciplina); citam a angústia, quando se deparavam com ideias excludentes: ou ministravam determinados conteúdos ou ainda atentavam para afetos e experiências.

Destacamos, sobretudo em nossa percepção de que havia pouca reflexão dos professores sobre suas próprias experiências culturais, tanto quanto pouca reflexão dos mesmos sobre as experiências vividas dos estudantes e, por consequência, viria o entendimento do prejuízo no que dizia respeito ao reconhecimento e acolhimento das ramificações que envolvem as vivências, amarradas aos conceitos de subjetividade, (inter)subjetividade e outros elementos inerentes ao leitor.⁴

Outras inquietações dos professores revelaram a oposição entre o ensino cidadão e o ensino formal, deixando clara a ideia de que, para boa parte dos professores, o ensino cidadão

⁴ É interessante acessar o pensamento de Yunes, (2009) no livro *Tecendo um leitor: uma rede de fios cruzados*, conforme referências bibliográficas.

pouco tem a oferecer àqueles que necessitam entrar no mercado de trabalho, enfrentar concursos e vestibulares.

No percurso de desenvolvimento dos dois Almanaquês, também foi perceptível que os professores, inicialmente, desconheciam os caminhos que os levariam à orientação das atividades geradoras para constituir a antologia motivadora da publicação do livro, constatando a desconexão entre a escola e as práticas da leitura/escrita, oriundas das experiências dos estudantes.

Tentando desconstruir a visão cristalizada apresentada pelo corpo docente, dentre outros exemplos, utilizamos um que, embora nos parecesse óbvio, firmou-se como ponte para a conexão do que era pretendido. Assim, citamos, durante essas conversas, a adequação dos recursos linguísticos para as construções de tipos textuais, exemplificando com as narrativas, que, certamente, seriam tipos textuais que compareceriam, frequentemente, ao longo das páginas.

Dada à proposta do trabalho, não se poderia publicar o texto de uma história de vida sem a coerência necessária a este gênero, que explora a memória: sequência de fatos, manutenção de tempos verbais adequados, localização espaço-temporal, entre outros.

Sobre esta premissa, importa destacar o significado da expressão, história de vida, neste contexto, associada à memória e ao uso da linguagem para a manifestação da mesma. História de vida aqui entendida como uma narrativa correspondente à realidade apoiada pelos acontecimentos vividos pelos estudantes envolvidos na comunidade. História de vida recebida como contar uma sucessão de acontecimentos fictícios ou não-fictícios que poderiam constituir a elaboração da identidade de cada um dos produtores, enquanto sujeitos sociais. História de vida escutada e registrada como narrativas que definitivamente poderiam marcar algumas leituras de texto e diversas e muitas leituras de mundo. Toda esta expectativa estava associada à perspectiva de quais discursos seriam utilizados para sustentar os acontecimentos narrados. Quais meios de expressão veiculariam a concretização destas narrativas?

Como facilmente se verifica, há uma acentuada afinidade entre as diferentes propostas [...] já que todas elas isolam, na estrutura do texto narrativo, um plano de conteúdo e um plano da expressão. O primeiro compreende a sequência de ações, as relações entre [atores], a localização dos eventos num determinado contexto espacial; o segundo é o discurso narrativo propriamente dito, susceptível de ser manifestado através de substâncias diversas (linguagem verbal, imagens, gestos, etc) (REIS; LOPES, 2007, p.195).

Prosseguindo nas conversas com os professores, enfatizamos que o fato de olharmos para fora dos muros escolares nem de longe significava abandonar os conteúdos transmitidos pela escola, mas significava, sim, mudar os percursos empreendidos no cotidiano escolar para fazê-los chegar aos sujeitos que por lá transitavam.

A partir da maior compreensão pelo corpo docente em relação aos objetivos do projeto para articular saberes escolares e universos extraclasse, tornou-se consenso entre os envolvidos que, para a elaboração do Almanaque, seria necessário lançar mão do conhecimento proveniente de todas as disciplinas escolares, trabalhando em cooperação. Noutras palavras, era preciso instituir percursos para pensar e escrever sobre a memória de um lugar, em diálogo com experiências singulares. Significava romper com as amarras conteudistas, pensadas apenas no interior da escola.

Propor estas ações nos exigiu pensar sobre quais concepções da memória nos apoiáramos e quais suas manifestações na cultura destes ambientes escolares.

[pensar as] principais concepções de memória e suas manifestações na literatura e na cultura, entendendo memória como registro do vivido, preservação e resgate de imagens ou reconstrução da experiência humana. O gênero memorialístico insere-se no estatuto de textos referenciais que relatam a trajetória de uma vida, são documentos que “servem”, inicialmente, à história. O que possibilita o seu estudo no conjunto da literatura ficcional é a força da linguagem de alguns textos e sua capacidade de se imporem como discurso esteticamente elaborado (COSTA et al, 2010, p.187, grifo do autor).

Para tal, em primeira instância, o ler e o escrever seriam o veículo para a transmissão desses conhecimentos, já que os saberes escolares, agregados aos saberes da comunidade, estariam registrados em diferentes gêneros textuais no Almanaque. Essa constatação nos levou a ampliar as possibilidades das ações e as teorias de respaldo. E, assim, saltamos para o campo trans/interdisciplinar (BARTHES, 1988), um dos inevitáveis percursos para o trabalho proposto, num esforço de fazer os objetivos convergirem para a publicação dos materiais, em diálogos constantes com textos literários, ao longo de suas páginas, valorizando o papel da literatura, sem que se traga à baila a discussão sobre o cânone, que não é a tônica e já está discutida e refletida em outros textos (PEREIRA, 2015). Sobre os textos literários, no primeiro volume, alguns mais reconhecidos como canônicos pela crítica literária, a publicação traz para o diálogo poemas de Murilo Mendes, Mário Quintana, Castro Alves e Cláudio Manoel da Costa; trechos de obras em prosa de Monteiro Lobato, Érico Veríssimo, José de

Alencar e Juan Rulfo; canções de Beto Guedes, Chico Buarque, Tião Carreiro e Pardinho e Guilherme Arantes. No segundo volume, estão alguns citados no recorte a seguir.

[...] textos considerados canônicos, intertextualizados, a partir de seus temas, procurando facilitar a entrada de leitores mais desavisados no diálogo com as chamadas “altas literaturas”. Tome-se como exemplo, a organização da seção *Amor*, em que dialogam os fragmentos de *Amor*, um conto de Clarice Lispector, de *Lembranças amorosas*, do contador de histórias, Francisco Gregório Filho, do romance *Primeiro Amor*, de Samuel Becket, e da peça *Romeu e Julieta*, de Shakespeare; o poema *Soneto de Fidelidade*, de Vinícius de Moraes e a canção *Quando te vi*, de Beto Guedes; vários poemas produzidos pelos estudantes do sexto ano; além de imagens como o quadro *O beijo*, do pintor Francesco Hayes, junto a desenhos, tais como corações estilizados e casais apaixonados, feitos pelos estudantes (FERREIRA, PEREIRA: 2014, p.110).

Como se vê, o propósito de desenvolvimento do projeto e das publicações, respaldado, principalmente, por teorias oriundas dos campos da leitura, da literatura e da cultura, firmou-se, em primeira instância, numa intervenção acerca do trabalho com diferentes linguagens, contribuições e suas implicações, inclusive, como já mencionado, de ordem trans/interdisciplinar, acreditando nos dizeres de Ivani Fazenda quando afirma que,

Talvez possamos então pensar na confluência de nossos projetos individuais, na cooperação de nossos saberes, talvez possamos traçar metas comuns e articulá-las. Acreditamos no poder de negociação a que a Interdisciplinaridade nos congrega. Acreditamos na potencialidade da circulação de conceitos e esquemas cognitivos, na emergência de novos esquemas e hipóteses, na constituição da organização de novas concepções de educação. Acreditamos que nossa força estará na Parceria, onde poderemos criar novos perfis de cientistas, desenvolver novas inteligências, abrir a Razão. Acreditamos na força mitológica de um novo tempo, onde todos nós nos disporíamos a um processo de realfabetização, não apenas do substantivo, mas do verbo, não mais do predicado, mas do sujeito, não mais do modelo, mas da hipótese, não mais da resposta, mas da pergunta (FAZENDA, 2008, p. 15).

Com base nesta forma de condução dos trabalhos e de acordo com o que se esperava para o desenvolvimento de um projeto desta natureza foi necessária a adoção de algumas noções. Uma delas é compreender a memória como patrimônio da cultura sob a perspectiva de que o resgate de lembranças propicie a compreensão da história de vida da formação humana, seja de forma individual ou coletiva retomando as relações entre memória individual e memória coletiva a partir das reflexões de Maurice Halbwachs na obra *Memória coletiva*, especialmente, no capítulo “Memória individual e memória coletiva”.

Este estudo tem como princípio considerar o indivíduo e como este indivíduo se relaciona com o seu passado a partir do reconhecimento das suas relações com o meio em que

vive e em que viveu como se buscou dos estudantes e professores das Escolas Doutor Pedro Marques e Quilombo dos Palmares.

O autor [Halbwachs] mostra que é impossível conceber o problema da recordação e da localização das lembranças quando não se toma como ponto de referência os contextos sociais reais que servem de baliza à essa reconstrução que chamamos de *memória* (DUVIGNAUD apud HALBWACHS, 2003, p. 7- 8, grifo do autor).

Nessa perspectiva há de se considerar que a ambiência, nestas escolas municipais, apresenta uma subjetividade de classe social não privilegiada que remete a uma visão de mundo própria que gera lembranças próprias e que constrói uma singular memória na qual se esconde um espaço da memória que não se prende ao plano individual, ou seja, as memórias de um indivíduo não são, unicamente, suas. Lembrança alguma sobrevive sem estar ligada à sociedade. Portanto, segundo Halbwachs (2003), as memórias são construções dos grupos sociais, são eles que indicam o que é pertencente à memória e os lugares onde essa memória será preservada.

No prosseguimento desta reflexão, recorreremos aos estudos de Bergson (1999) em seu estudo *Matéria e memória* no que consiste a relação do homem com a existência real. O estudioso inicia suas considerações sobre a matéria conceituando-a como um conjunto de imagens cuja existência situa-se entre a coisa e sua representação, isto é, reconhece a relação do homem com a realidade. Desta maneira, a representação da imagem acontece associada à existência do corpo como o objeto de percepção e gerador de lembranças.

Nossas percepções estão certamente impregnadas de lembranças, e inversamente uma lembrança, conforme mostraremos mais adiante, não se faz presente a não ser tomando emprestado o corpo de alguma percepção onde se insere (BERGSON, 1999, p. 73).

A ligação entre a lembrança que alimenta a memória constitui a formação de uma identidade social no âmbito das histórias de vida, trabalhando conceitos de identidade individual que poderão formar a construção de uma identidade nacional.

É preciso, entretanto, dilatar sobremaneira outras noções aqui utilizadas, tal como a de cultura, procurando enxergá-la em suas possibilidades amplas, próxima do conceito antropológico, como defende Geertz (1989), ao nosso ver, dialogando com Santaella. Para estes autores, a leitura extrapola a dimensão do texto escrito, mas sempre acompanhada de geração de sentido, e possibilita, assim, a leitura dos signos no campo da semiótica: cores,

sons, imagens etc. (SANTAELLA, 2004). Para atender ao objetivo, utilizamos o respaldo dos campos citados, como o da semiótica e o da cultura, e dos respectivos autores deles oriundos.

Relacionando os docentes, por exemplo, a estas reflexões, pode-se depreender que é bastante nítida, ainda, a precária formação continuada oferecida aos professores, observando as noções dicotômicas tão arraigadas dentro da escola. Os docentes, em sua maioria, resistem às mudanças, ocupando, muitas vezes, um papel secundário neste processo. Tal processo mostra a dissonância em relação a pesquisas mais recentes, de cujas afirmações depreendem-se que os saberes se encontram em diálogo no tecido cultural (CHARTIER, 2002), o que nos faz observar uma tendência à desconstrução dessas dicotomias.

Sendo assim, a propósito do campo cultural, para nós, como para autores oriundos do campo da antropologia da educação, o que se constitui um objeto dentro do enfoque etnográfico é, conforme mantemos nossa compreensão neste trabalho, partir de questões e perguntas que são desentranhadas da teoria “da literatura para encarná-las em indivíduos, já não mais *in abstracto*, mas, como Malinowski dizia no princípio deste século, formulando-as, de maneira concreta, a indivíduos de carne e osso” (DAUSTER, 1994, p. 59).

Por este viés, trazendo as discussões sobre letramento, desenvolvidas a partir dos anos 1980, respaldadas pelos campos da antropologia, psicologia, etnografia, história social e cultural, encontramos forte disposição para um radical esgarçamento das rígidas fronteiras que (como alguns ainda acreditam) separam o oral e o escrito. Nesta linha, cabe citar a coletânea organizada por Inês Signorini (2008), intitulada *Investigando a relação oral/ escrito e as teorias do letramento*, que toca em pontos fulcrais para as questões que levantamos, ao tentar compreender, através da leitura/escrita, o universo dos leitores em questão.

Trazendo destes pesquisadores as noções que nos interessam, vemos emergir como particularmente importantes as ideias de autoria, hibridismo e heterogeneidade da escrita. Tfouni (2008) propõe uma elasticidade em relação à categoria de autor, buscando nela incluir os produtores de textos, orais e/ou escritos, sujeitos de seu texto, mesmo através da escrita impulsionada por forças inconscientes. Neste artigo, a pesquisadora centra suas análises, geradas por efeitos morfológicos ou sintáticos, na dispersão e na deriva — para a linguística textual: a falta de coesão e a coerência —, mostrando que, para controlar as fugas, este autor não pode ser refém do inconsciente.

Outra noção que nos interessa é a de hibridismo da escrita, anteriormente entendida, por alguns estudiosos, como a perversa interferência do oral no escrito. Abandonando tal ideia de

contaminação da escrita por formas da oralidade, Signorini (2008) busca demonstrar que tanto a segunda quanto a primeira interpenetram-se para cumprir funções comunicativas definidas pelos interlocutores, durante a interação nas práticas sociais (não entendamos esta definição dos interlocutores de forma simplista). Vemos aí que a autora desconstrói a hierarquia difusora da inferioridade do oral, para colocá-lo em posição de horizontalidade, figurando ao lado da escrita. Portanto, os gêneros textuais dão conta de comportar textos produzidos no *continuum* e nos imbricamentos entre o oral e o escrito, colocando-os como uma categoria possível de existir somente *a posteriori*, a partir das práticas de letramento.

Por último, para esgotar os pontos relevantes da citada obra, trazemos a noção de letramento defendida por Manuel Corrêa (2008), situando-o para além do que supõem as discussões anteriores de Magda Soares (2006), cuja flexibilização do conceito de letramento em graus ou níveis, ainda afirma como marco relevante para o letramento a alfabetização e a inserção dos indivíduos em práticas de leitura e escrita diretas ou indiretas. O posicionamento de Corrêa nos permite avanços, quando, no percurso para pensar o letramento, o autor assinala que o mesmo deve ser pensado não a partir da alfabetização, mas de uma situação anterior a ela, em que o indivíduo, podendo não estar inserido em práticas mesmo indiretas de leitura e escrita, ajude a formar, por meio de textos orais, a memória cultural de um povo. Dialogam com os avanços de Corrêa as ponderações de Calvino.

Se o mundo não-escrito é, na verdade, totalmente escrito, nunca poderei romper o casulo escrito que me envolve, quer levante meu olhar da página ou volte para ela; não posso esperar qualquer mudança. [...] [deve-se] combater essa praga, fazer com que sobreviva a linguagem direta, oral, concreta, a linguagem do dia-a-dia, que costumava ser fonte viva na qual os escritores iam beber (CALVINO apud FERREIRA; AMADO, 2006, p. 143-144).

Com base nisso, o volume 2 do Almanaque, embora pensado na mesma linha de desenvolvimento do primeiro, traz flutuações e novas situações, devido às evidentes peculiaridades de cada localidade. Assim, para exemplificação das metodologias utilizadas, ligadas às teorias apresentadas, de forma breve, merece destaque o tópico 3, intitulado *Entre palavras: oralidade e memória*, do artigo “Entre lugares, palavras e objetos: a potência da memória como geradora de sentido para os sujeitos e suas práticas sociais”, citado nas referências bibliográficas, no qual, indo ao cerne dos usos da linguagem, pudemos verificar as cargas semânticas atribuídas a alguns vocábulos, cujos sentidos diferiram daqueles esperados por abordagens tradicionais, mais voltadas a textos modelares e/ou aspectos reiteráveis dos

gêneros, conforme o pensamento de Bakhtin (2002). No tópico, tratamos principalmente, da utilização da palavra **assombração** e do sentido a ela conferido, o que nos possibilitou dialogar com o referido teórico, de acordo com detalhes expostos, em fragmento recortado do citado artigo:

Chamamos a atenção para a revitalização dos sentidos criados, a partir da interferência da memória e de suas implicações para a formação de leitores, nos espaços visitados. Seguindo no caminho de (re) construção da memória do bairro, e tentando mapear “histórias de assombração” que povoam o imaginário dos moradores do Sagrado Coração, temos o seguinte trecho:

ENTREVISTADOR: há alguma lenda ou história de assombração que marcou o bairro?

ENTREVISTADO: não, num tinha, não...

ENTREVISTADOR: tem nem uma assombraçõzinha aqui, não?

ENTREVISTADO: ... a pió sombração que teve aqui é quando eles mataro meu subrinho ali im baxo, cum vinte e um ano... morava ali ó... matô ele à toa...dua...duas... ele namorô uma moça duas vês...pegaro e mataro ele...

ENTREVISTADOR: óó!

ENTREVISTADO: ... tinha vinte um ano...essa que ficô a história pió aqui no Sagrado foi essa (FERREIRA; PEREIRA, 2013, p. 206).⁵

Voltando ainda mais os olhos ao contexto cultural em que se deu a entrevista, lendo as brechas dos sentidos que se instauram para além do previsto no padrão do gênero, foi possível encontrar as franjas de sentidos mencionadas por Bakhtin (2002). A leitura revelou-nos o não-reiterável, aquilo que está fora do controle das padronizações, das previsões e dos modelos (BRAIT, 2000).

Conforme análise mais detida, a resposta imprevista do entrevistado, Sr. Paulino, obriga-nos a enxergar e aceitar a existência do fio de uma franja de sentidos que permitiu ao morador do bairro recriar o sentido do vocábulo, com uma carga semântica diferente daquela atribuída pelos entrevistadores. Tal procedimento inseriu-o num sistema bastante complexo, já que produzido no terreno da oralidade e, por isso, abusando das interrupções, pausas, repetições, inversões, suspensões, etc. Além do mais, para o entrevistado, **assombração** passou a ter sentido de **história de coisa ruim, pior história**, como depreendemos de sua fala. Um sentido revitalizado no contexto cultural experienciado pelo entrevistado.

⁵ Transcrição feita pela professora Valéria Pereira, extraída da gravação audiovisual produzida pela professora de Português, Gisele Oliveira, e seus alunos, para a elaboração da primeira seção do *Almanaque Gentes e Lugares*- V.2.

Trazemos algumas observações já feitas em oportunidades anteriores, mas que merecem aprofundamentos, pois os materiais apresentados aguardam investigação mais minuciosa, acerca do impacto gerado nas localidades em que foram desenvolvidos.

Parte bastante inicial disso, que certamente irá coincidir com os efeitos a serem percebidos no volume 2, começou a ser delineada, em 2011/2012, no breve relatório de pesquisa, referente ao volume 1, do *Almanaque Gentes e Lugares*, apresentado pelas professoras Aparecida Danelon e Valéria Pereira à Secretaria de Educação do Município de Juiz de Fora - MG. Na ocasião, as professoras destacaram parcialmente os efeitos das ações do projeto, nos seguintes aspectos: em primeiro lugar, é preciso mencionar que, para muitas etapas do projeto, foram criados horários extras, em que os estudantes voltaram à escola, em turnos diferentes dos seus, o que permitiu verificar muitas vezes a sua chegada com mais de meia-hora de antecedência, mostrando, assim, o interesse pelo trabalho.

Também houve, com a realização deste projeto, a ampliação das relações entre escola e comunidade, à medida que o mesmo propiciou a entrada, na escola, de artesãos que puderam difundir seus saberes, como foi o caso da oficina de pintura, ministrada pela Senhora Alcina. Da mesma forma, quando aconteceram encontros entre os alunos e os moradores mais antigos do povoado, durante as entrevistas, e, ainda, na aplicação do questionário socioeconômico aos habitantes do lugar.

Nesse sentido, o projeto constituiu-se num importante instrumento de reconstrução da memória. Por meio da análise dos conteúdos das entrevistas dos alunos aplicadas aos moradores mais antigos do povoado, foi possível que os estudantes (re)construíssem trajetórias, inclusive as de suas famílias.

E, ainda, a experiência gerou maior participação das famílias no cotidiano da escola, conforme pudemos constatar, por exemplo, na aplicação dos questionários feita pelos estudantes em seu núcleo familiar. Tal participação buscou entrelaçar o saber escolar e o conhecimento que circula extramuros escolares, ligados à religião, às crenças, à medicina popular e outros. A prática colocou a família como parte integrante do aprendizado, já que esta se relacionou diretamente com os conteúdos, tornando-se indissociável dos mesmos.

Além disso, a prática contribuiu para a formação de leitores/ escritores numa via de mão dupla, já que, em todas as etapas de desenvolvimento destas práticas, os estudantes escreveram, leram e reescreveram seus textos, atentando para o fato de que estes escritos gerariam partes do livro a ser publicado.

Com relação à prática para a formação de leitores/escritores, este ficou ampliado, após a publicação do Almanaque, em abril de 2010, com o fomento à prática da leitura, no contexto em questão, com a distribuição do livro produzido no diálogo entre comunidade e escola e, posteriormente, no uso do mesmo em outras situações, por exemplo, como material didático para as aulas ou leitura do mesmo em casa.

Por fim, cabe enfatizar que uma investigação mais detalhada, com o objetivo de apontar os efeitos da publicação sobre os leitores dos lugares, está se realizando, tanto em contexto escolar quanto no entorno ocupado pelas comunidades, empreendida pela Prof.^a Valéria Pereira, em nível de pós-doutorado, procurando compreender níveis de aproximação entre leitores e almanaques, além de outras particularidades que interessem aos estudos sobre a formação do leitor, inclusive impulsionadas pelas imagens nas publicações.

Assim, escola e comunidade **escrevem** as suas histórias de vida, testemunhando um exercício de erros e acertos, enquanto, de maneira simultânea, na academia, pesquisadores se envolvem nas buscas pelo traçar dos destinos, por meio de mãos poderosas, ainda que falíveis e nem sempre legíveis!

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Maria Aparecida Danelon e PEREIRA, Valéria Cristina Ribeiro (Orgs). *Almanaque Gentes e Lugares - Caeté: cultura e linguagem num passeio de memórias e identidades*. Juiz de Fora: Escola Municipal Doutor Pedro Marques, 2010. V. 1.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 9. ed. São Paulo: Hucitec: Annablume, 2002.
- BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BRAIT, Beth. PCN'S, Gêneros e Ensino de Língua: faces discursivas da textualidade. In: *A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCN'S*. Roxane Rojo (Org.). Campinas: Mercado de Letras, 2000. – (Coleção As faces da Linguística aplicada).
- BERGSON, Henri. Da sobrevivência das imagens. A memória e o espírito. In: _____. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. Tradução Paulo Neves. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 1999. p. 155-208.
- CHARTIER, Roger; ARIÈS, Philippe (Org.). *A história cultural: entre práticas e representações*. Tradução Maria Manuela Galhardo. Difel Lisboa/Bertrand Brasil: Rio de Janeiro, 2002.
- CORRÊA, Manoel Luiz Gonçalves. Letramento e heterogeneidade da escrita no ensino do português. In: *Investigando a relação Oral /Escrito e as Teorias do Letramento*. SIGNORINI, Inês (Org.). Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008.
- COSTA, José Carlos da et al. Representações da memória na literatura e na cultura. *Revista Investigações*. Pernambuco: UFPE, Vol. 23, nº 1, jan. 2010.

Disponível em:

<http://www.repositorios.ufpe.br/revistas/index.php/INV/article/view/1338> Acesso em: 2 fev. 2019.

DAUSTER, Tânia. Nasce um leitor: da leitura escolar à leitura do contexto. In: VAZ; OLINTO; DAUSTER. *Leitura e leitores*. Rio de Janeiro: FBN/ PROLER/CASA DA LEITURA, 1994.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio: LTC, 1989.

FAZENDA, Ivani C. Arantes. *Interdisciplinaridade; história, teoria, pesquisa*. São Paulo: Papirus, 1994.

FERREIRA, Rosângela.; PEREIRA, Valéria. (Org.). *Almanaque Gentes e Lugares- Sagrado Quilombo, Coração dos Palmares: leituras e leitores*. Juiz de Fora: Escola Municipal Quilombo dos Palmares, 2011. V. 2.

FERREIRA, Marieta Moraes; AMADO, Janaína. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

FERREIRA Nilton; PEREIRA Valéria Cristina Ribeiro (Org.). Entre lugares, palavras e objetos: a potência da memória como geradora de sentido para os sujeitos e suas práticas sociais. In: *Entre-lugares, diálogos pertinentes: sociedades amazônicas e outras realidades contemporâneas*. Editora do IFAM: Parintins/AM -Juiz de Fora/MG, 2013.

FERREIRA, Rosângela; PEREIRA, Valéria. Sagrado Quilombo, Coração dos Palmares: leituras e leitores. *Revista LER*. Cátedra UNESCO de Leitura PUC-Rio. V.6. 2014.

Disponível em: <http://iiler.puc-rio.br/ler_anteriores/LER-6.pdf> Acesso 24 de janeiro de 2019.

HALBWACHS, Maurice. Memória individual e memória coletiva. *A memória coletiva*. Tradução Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003, p. 29 – 70.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

PEREIRA, Valéria. Dados para o subsídio a práticas da leitura de literatura na escola: um “círculo de leitura”. *Contexto*. PPGL/UFES- julho de 2015.

PEREIRA, Valéria; PONCIANO, Nilton. *Partilhar o saber, formar o leitor: conversas entre a escrita, a história, narrativas e leituras, na perspectiva da cultura*. Dourados/MS: Editora da UFGD, 2012.

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina. *Dicionário de narratologia*. Coimbra: Edições Almeida, 2007.

SANTAELLA, Lúcia. *O que é Semiótica*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SIGNORINI, Inês. Construindo com a escrita outras “cenas de fala”. 2008. In: SIGNORINI. Inês (org). *Investigando a relação Oral /Escrito e as Teorias do Letramento*. 2008.

TFOUNI, Leda Verdiani. A dispersão e a deriva na constituição da autoria e suas implicações para uma teoria do letramento. In: *Investigando a relação Oral /Escrito e as Teorias do Letramento*. SIGNORINI. Inês (Org.). Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008.

YUNES, Eliana. *Tecendo um leitor: uma rede de fios cruzados*. Rio de Janeiro. Aymar, 2009.

ANEXOS

Figura 1



Fonte: PEREIRA, Valéria Cristina Ribeiro e ANDRADE, Maria Aparecida Danellon (Orgs). *Almanaque Gentes e Lugares – Caeté: cultura e linguagem num passeio de memórias e identidades*. v. 1, Juiz de Fora: Central Indústria Gráfica, 2010. Capa.

Figura 2



Fonte: PEREIRA, Valéria Cristina Ribeiro e ANDRADE, Maria Aparecida Danellon (Orgs). *Almanaque Gentes e Lugares – Caeté: cultura e linguagem num passeio de memórias e identidades*. v. 1, Juiz de Fora: Central Indústria Gráfica, 2010. Quarta-capa.

Figura 3



Fonte: PEREIRA, Valéria Cristina Ribeiro e FERREIRA, Rosângela Veiga Júlio. (Orgs). *Almanaque Gentes e Lugares - Sagrado Quilombo, Coração dos Palmares: leituras e leitores*. v. 2, Juiz de Fora: Central Indústria Gráfica, 2011. p. 26. Capa.

Figura 4



Fonte: PEREIRA, Valéria Cristina Ribeiro e FERREIRA, Rosângela Veiga Júlio. (Org). *Almanaque Gentes e Lugares - Sagrado Quilombo, Coração dos Palmares: leituras e leitores*. v. 2, Juiz de Fora: Central Indústria Gráfica, 2011. Quarta-capa.

Artigo recebido em fevereiro de 2019.
Artigo aceito em abril de 2019.